

Eduardo Moreira

A Intenção Primeira

Um ensaio sobre a natureza do real

Prefácio
Leonardo Boff

1ª edição



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2023

INTRODUÇÃO

Sem amarras e sem expectativas, assim é este texto. Não pretende ser livro ou ensaio, curto ou longo, útil ou fútil, simplesmente não pretende.

Provavelmente muito do que aqui será escrito já o foi antes. Aliás, escrever ou dizer algo novo é um desafio hercúleo. Há mais de 2.000 anos o rei Salomão teria já escrito: “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol” (Ecl 1,9). Não se incomode, portanto, ao ler trechos que pareçam com os de outrem, confie que quando os escrevo não me lembro se já os

li ou simplesmente tive a grata coincidência de chegar às mesmas conclusões de seus autores. Não há plágio, pelo menos consciente. Por outro lado, se ideias aqui expostas parecerem (ou forem de fato) absurdas ao contrariar teorias e saberes já estabelecidos, leia-as como se lê ficção ou poesia, dando ao autor a liberdade de imaginar realidades outras. Ou, se preferir, não leia.

Escrevo para deixar registrado, principalmente para meus filhos, quão caótica era a cabeça de seu pai e para saberem que um dia pensei essas coisas.

Em verdade, uma das hipóteses deste texto é a de que tudo o que aqui será escrito simplesmente acontecerá como parte inevitável do desenrolar de um todo, não cabendo a mim sequer escolha. A outra hipótese é sobre quem, ou o quê, seria este que escreve. Caso exista.

INTRODUÇÃO

Opto por pular uma tradicional “introdução” mais extensa e ir direto ao assunto. Ao primeiro deles, uma vez que, provavelmente, serão alguns.

1.

A PRIMEIRA HIPÓTESE

“Nós somos uma maneira de o
cosmos se autoconhecer.”

Carl Sagan

Me parece que existem somente duas hipóteses possíveis sobre o *real*. Talvez uma terceira. Talvez.

A Primeira Hipótese, imagino, é a de que tudo o que há é somente uma sequência de reações inevitáveis a uma Ação Primeira (assim, escrito em maiúsculas propositalmente). Absolutamente tudo. Nesta hipótese não existe a possibilidade de escolha nem algo como a noção de “livre-arbítrio”. Tudo o que acontece simplesmente ocorre como uma continuidade temporal daquilo que veio antes. Chamo atenção para este conceito aparentemente simples

que, no entanto, me traz ainda muita desconfiança: “continuidade temporal”. É sobre ele (na verdade, sobre a ausência dele) a Terceira Hipótese, que discutiremos adiante. Sigamos por ora na Primeira Hipótese, há muito a falar sobre ela.

A inevitabilidade de tudo e a ausência de escolha podem ser comumente confundidas com o conceito de *destino* ou “*Maktub*” (estava escrito). Algo como um dominó, complexo e intrincado, movido pelo passar do tempo, que tem como *presente* a pedra em movimento, *passado* as que já caíram, e *futuro* as que ainda tombarão. Não é necessariamente assim, porém, que vejo o conceito de “inevitabilidade”. Pode haver inevitabilidade sem haver destino. Explico. Não me parecem contraditórias as ideias de “inevitabilidade” e a de “infinitas possibilidades”. Podem ambas coexistir. A imagem

do dominó, portanto, talvez não nos sirva como metáfora para o desenrolar temporal dos eventos. A não ser que fôssemos capazes de imaginar um “dominó quântico”, no qual cada pedra, ao cair, pudesse tombar, com alguma probabilidade, em qualquer uma das direções, para onde continuaria o desenrolar da sequência. Ou que caísse, em alguma medida, em todas as direções, e diversas (potencialmente infinitas) “realidades”, ou “mundos” fossem a cada instante criadas, como imaginado pelo físico quântico Hugh Everett.

Ao que me refiro, portanto, quando cito a “inevitabilidade de tudo”, já que haveria, em hipótese, uma infinidade de cenários e realidades possíveis? Me refiro à impossibilidade de haver uma ação independente de uma outra anterior, excetuando-se a Ação Primeira, que a tudo originou. Em verdade, a Ação Pri-

meira implica, sim, algo ainda anterior: uma Intenção Primeira, à qual podemos (ou não) dar vários nomes. Após ela, a Ação. E após a Ação (maiúscula), tudo reação. Um lugar para onde, de certa forma, as escrituras sagradas apontam: “No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus...” (Jo, 1,1).

Imediatamente após o Princípio surge, segundo esta hipótese, um mundo de infinitas possibilidades. Um mundo onde, paradoxalmente, inexistente a possibilidade de escolha. E, sem escolha, não há *sujeito*, ao menos na forma como o imaginamos. Há somente um Sujeito, que é ao mesmo tempo fruto da Ação Primeira (e, portanto, de todas as incontáveis reações subsequentes a ela), a própria Ação Primeira e a Intenção que Lhe dá origem. Tudo um, ou Um.

Tentemos tangibilizar, mesmo que minimamente, o conceito de impossibilidade de escolha. *Perceba-se, leitor, neste exato momento tendo a impressão de que pode escolher seguir a leitura ou não deste texto a partir desta frase.* A provocação que proponho, nesta Primeira Hipótese, é a de que ter esta escolha é uma falsa impressão.

Venha comigo, enquanto desço ao nível do detalhe sobre o que ocorre exatamente neste momento. Há, diante de você, um livro. Talvez um tablet, sinal dos tempos que vivemos. O que chamamos de “leitura” é, na verdade, uma sequência de eventos que começa com o reflexo, nas folhas de papel à sua frente, de ondas eletromagnéticas visíveis (que chamamos de “luz”), originadas na incandescência de filamentos no interior de lâmpadas próximas a você. Ou talvez, caso esteja lendo o livro a

céu aberto, originadas a mais de cem milhões de quilômetros de distância, fruto da fusão de átomos de hidrogênio dentro de uma estrela de quinta grandeza que batizamos de “sol”. Essas ondas eletromagnéticas, mediadas pelo que chamamos de “fótons”, invadem nossos olhos através da córnea, da pupila e do cristalino, até colidirem com a retina, onde células especializadas, excitadas por essas ondas, geram estímulos elétricos (fluxo de elétrons) que viajam, através do corpo, até o cérebro.

Percebam o dominó caindo, diante de nós, peça após peça. A onda eletromagnética simplesmente se propaga do sol até o livro, onde se reflete, para seguir viagem até nossos olhos. As células em nossas retinas simplesmente são excitadas, gerando os estímulos elétricos que viajarão até nosso cérebro. Não há escolha, somente fluxo. Inexiste, nesta Primeira Hipótese

(importante frisar), a possibilidade de uma peça do dominó cair sem ter sido tocada ou, como passarei a me referir daqui em diante, sem ter sido “perturbada” por uma peça anterior.

Sigamos o processo. Chegando ao órgão que batizamos de “cérebro”, esse fluxo de elétrons irá interagir com as estruturas lá presentes e causará uma perturbação. Uma que, dependendo do padrão das ondas eletromagnéticas refletidas das páginas do livro e do padrão das estruturas existentes no cérebro, será codificada em algo que chamamos de “imagem”. Há algo de imensa importância nessa última frase, que, portanto, merece nossa atenção. O processo de codificação das perturbações em algo que chamamos de “imagem” é fruto de uma *interação*, logo, dependente do que chega em nosso cérebro, mas também do que *há* em nosso cérebro. Há ainda muito a se compreen-

der sobre o funcionamento de nosso cérebro (e, para as hipóteses que aqui serão discutidas, isso é de menor importância). Porém, é certo que sua estrutura é fruto de uma construção geno-fenotípica, o que implica que, de algum modo, todas as perturbações a que fomos expostos ao longo da vida deixaram marcas nessa estrutura. Não exatamente o *behaviorismo* de Skinner, mas o conceito de que o próprio cérebro — onde imaginamos que as escolhas são feitas — é uma construção sem escolha.

Note, portanto, que tudo, absolutamente tudo, que daqui em diante acontece neste processo tem influência indireta de tudo que aconteceu em sua vida. As músicas que ouviu, os sustos que tomou, os livros que leu, as paisagens que viu, o frio e calor que sentiu, os beijos que deu... Só que isso tudo é também nada mais do que uma reação a outros eventos

que vieram antes, e antes, e antes, e antes... Tudo o que existe e já existiu, todas as peças do dominó quântico ao qual nos referimos, estão ali presentes dentro de “você”, que é na verdade simplesmente um elo inseparável e indistinguível dessa corrente. Um *Indivíduo*, indivisível, mas não como costumamos percebê-lo, menor, e sim indivisível com o Maior, a Ação Primeira.

Nesse Tudo, Todo, indivisível, presente em nosso cérebro (também presente em tudo o que existe), chegará o fluxo de elétrons que gera a imagem das letras que compõem a frase escrita há pouco: *Perceba-se, leitor, neste exato momento tendo a impressão de que pode escolher seguir a leitura ou não deste texto a partir desta frase*. E o que aparentemente encaramos como escolha é nada além da continuidade do fluxo, as próximas peças do dominó caindo.

Dado tudo o que já veio antes — os ensinamentos que ouviu de seus pais, as propagandas a que assistiu na televisão, os amores e temores que experimentou, e também toda a água que já fluiu pelos rios ou esguichou pelos ares com as ondas do mar, as estrelas no universo que nasceram e deixaram de existir, os suspiros e gritos dos animais, as pedras que já rolaram pelas montanhas deste e de outros planetas —, seguir lendo ou não lendo o livro não é uma opção. Em verdade, o que você entende como uma escolha nada mais é do que a continuidade da Ação Primeira, ou a manifestação da própria Intenção Primeira. O que de certa forma é sublime e divino, no seu sentido mais literal e poético, juntos.

E eis aqui uma aparente armadilha retórica: não há o que concordar ou discordar dessas afirmações, porque a própria discordância é tão

somente uma “não escolha” de quem imagina que a esteja fazendo ao ler o texto.

Essa hipótese poderia levar alguns a pensar: *Se não há então escolha ou alternativa, não farei mais nada e deixarei que tudo aconteça por si só. Ao ficar parado, quieto, inerte, provarei que sou eu quem “decido”*. O problema é que a Primeira Hipótese implica que, se você fizer isso, é porque tudo o que aconteceu antes e resultou em “você” simplesmente levou a esta consequência, a inevitabilidade inescapável de tomar esta atitude.

Talvez esteja ainda confusa a diferença entre esta hipótese e o conceito de destino ou a ideia de que tudo já estaria escrito (*Maktub*). Mas a distinção é simples. Trata-se de entender que as possíveis direções em que o dominó tomba são infinitas, portanto, é impossível mesmo com toda a capacidade de cálculo imaginável

prevê-las (não há nada ainda escrito), mas saber que não há como uma peça de dominó cair sem que uma anterior a tenha perturbado. Simplesmente isso. Tudo é *consequência* (*karma* em sânscrito).

É como o conceito (ou mistério) da física quântica que nos diz que uma partícula elementar (aqui cumprindo o papel da peça do dominó) pode estar em todas as posições com alguma probabilidade, mas a perturbação que ela gera é única, e seu efeito, inescapável (o gato de Schrödinger está, afinal, vivo ou morto, nunca nos dois estados ao mesmo tempo).

Nesta Primeira Hipótese, não há um sujeito “derrubador” do dominó, que pode escolher uma nova direção, parar o dominó, ou iniciar uma nova sequência a partir do zero. Afinal, o sujeito nada mais é do que o próprio dominó caindo.

À manifestação desse dominó quântico, nesta Primeira Hipótese, chamamos de *tempo* (na Terceira Hipótese questionaremos esta afirmação). O “passar do tempo” nada mais é do que as peças caindo, a perturbação se expandindo. Causa e efeito *acontecendo*. Imagine, para efeito de compreensão, que tudo ficasse exatamente como está, em todo lugar que existe. Ondas eletromagnéticas congeladas no espaço, elétrons, prótons e nêutrons inertes, campos de toda ordem sem qualquer tipo de perturbação, diríamos neste caso que “o tempo parou”. Porque o que chamamos de “tempo” é o fluxo do Manifesto. Este o *conceito*.

O que *batizamos* de “tempo”, portanto, sem perceber, é uma tentativa de prever (e não de medir como imaginamos) o fluxo do Manifesto. Consideramos uma medida de tempo *precisa*,

se ela consegue prever uma manifestação, descrever quais serão e como cairão as próximas peças do dominó.

Um *dia*, por exemplo, não é a medida do tempo que a Terra demora para dar uma volta inteira em torno de seu próprio eixo. É uma previsão de que ela estará exatamente nesta mesma posição quando este “tempo” tiver decorrido.

Daqui a exatamente um segundo, 9.192.631.770 períodos da radiação correspondente à transição entre os dois níveis hiperfinos do estado fundamental do átomo de césio 133 em repouso (a uma temperatura de 0° K) terão ocorrido. Um “segundo” é uma previsão e não uma medida! E, definidas estas e tantas outras unidades do que chamamos de “tempo”, passamos a relacionar todo o resto do fluxo do Manifesto com elas.

Veja que mesmo a teoria da relatividade geral, proposta por Albert Einstein, condiciona as previsões que somos capazes de fazer com as medidas de “tempo” a outras variáveis, entrelaçando espaço e tempo em configurações multidimensionais do que chamamos de “real” (como na métrica de Minkowski, por exemplo), para lhes dar acurácia em qualquer situação.

Pode parecer uma questão semântica, mas não é. Compreender o que está por trás de nosso sistema de comunicação e linguagem, do qual o sistema de medidas faz parte (voltaremos a essa discussão mais adiante, após descrevermos as Três Hipóteses), como uma tentativa de prever o que ainda não aconteceu (e não nossa “natureza curiosa”), é essencial para enxergar nossa eterna busca por “controlar” o desconhecido, o Mistério, o fluxo do Manifesto (tempo).

É exatamente dessa estéril tentativa que surgem todos os conflitos existenciais.

Aos mais atentos, uma questão pode ter surgido ao longo dos últimos parágrafos: como pode existir uma tentativa de prever ou controlar o dominó quântico através da criação do conceito de “tempo” se a Primeira Hipótese exclui o sujeito? Quem seria este ou esta que age? A resposta é que seria o próprio problema se resolvendo. O Universo se compreendendo. A Ação Primeira se desdobrando naquilo que chamamos de “ordem” (outro conceito a ser abordado adiante). Ou, como poeticamente escreveu Carl Sagan: “O Universo encontrando uma maneira de se autoconhecer.”

Tudo fluxo, infinitas possibilidades, inexistência de escolha, presença da Intenção Primeira em tudo e uma inimaginável ordem que caminha disfarçada de caos consequente a uma

A PRIMEIRA HIPÓTESE

Ação Primeira, que une tudo num campo indivisível que tentamos prever e controlar através do conceito de tempo. Essa é a Primeira Hipótese.